

Diversidade sexual, preconceito e aulas de Ciências: reflexões iniciais

Sexual diversity, prejudice and science teaching: initial considerations

Leandro Jorge Coelho

Faculdade de Ciências, UNESP- Bauru
leandrojc@gmail.com

Luciana Maria Lunardi Campos

Departamento de Educação, UNESP - Botucatu
camposml@ibb.unesp.br

Resumo

Este trabalho apresenta discussões provenientes de dados preliminares de uma pesquisa de mestrado, que tem por objetivo analisar o sentido atribuído por alunos e professores de Ciências à diversidade e ao preconceito sexual. Para isto, neste texto, será analisada uma entrevista realizada com uma professora de Ciências, além de dados provenientes da análise de Livros de Ocorrência de escolas estaduais do interior de São Paulo. A pesquisa, com caráter qualitativo, utilizou a entrevista semi-estruturada e análise documental como técnicas de coleta de dados. De modo geral, vemos que o sentido atribuído pela professora à temática possui influências da norma heterossexista, o que pode implicar em prejuízos em sua prática. Vimos também que parece continuar vigorando a invisibilidade da população LGBT também no espaço escolar. É preciso investir na valorização da diversidade, visando uma educação igualitária que reconheça os direitos de todos com relação à vivência de suas sexualidades.

Palavras chave: diversidade sexual, preconceito sexual, Ensino de Ciências

Abstract

This discussion paper presents preliminary data from a research that aims to examine the meaning given by students and science teachers to sexual diversity and sexual prejudice. To do that, in this paper, we analyze an interview with a science teacher, and the analysis of data from Occurrence Books of state schools in the interior of São Paulo. This is a qualitative research, that used semi-structured interviews and document analysis as data collection techniques. In general, we see that the meaning attributed by the teacher is influenced by heterosexist norms, which can result in losses in his/her practice. We also saw that it seems to continue to exist an invisibility of LGBT people in school. We must invest in valuing diversity, seeking an equal education that recognizes the rights of all in relation to the experience of their sexuality.

Key words: sexual diversity, sexual prejudice, Science Teaching

Considerações Iniciais

O termo diversidade sexual se refere às diversas possibilidades de vivenciar a sexualidade e principalmente às orientações sexuais e identidades de gênero que fogem ao padrão heterossexista da sociedade atual (TORRES, 2010), sendo, portanto geralmente usado em discussões relativas aos preconceitos, discriminações, e à luta pela igualdade de direitos da população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros).

Embora presente em todos os espaços sociais, as sexualidades não heterossexuais possuem um histórico marcado pelo preconceito, que fez com que os sujeitos LGBT tivessem e ainda tenham que lutar por direitos de cidadania básicos. Esta luta está fortemente imbricada com as questões de gênero, pois a negação social dos não heterossexuais acontece através de

[...] um sistema binário, disciplinador, normatizador e normalizador graças ao qual a heterossexualidade só poderia ganhar expressão social mediante o gênero considerado naturalmente correspondente a determinado sexo (genitalizado, tido como “natural”, “dado”, “pré-discursivo”, e, portanto, “evidente” e anterior à cultura [...]). Desta feita, o gênero acaba por ser não só o mediador: é o responsável mais por revelar do que por possibilitar as supostas coerência e a unidade entre anatomia, comportamento, sexualidade e identidade. Em outras palavras: tal sequencia tem sua eficácia garantida por mecanismos de introjeção e controle (sexualmente diferenciados e sexualmente diferenciantes) ligados à crença de que a determinado sexo deva corresponder, de modo biunívoco, um determinado gênero, o qual, por sua vez, implicaria um determinado direcionamento do desejo sexual. (JUNQUEIRA, 2009, p. 375, 376)

É inegável a ligação entre as questões de gênero e os preconceitos relacionados à diversidade sexual. Fica evidente, também como este sistema binário está presente de forma sutil e ao mesmo tempo amplamente disseminada em nosso cotidiano, uma vez que esta relação direta entre sexo - orientação sexual – gênero permeia muitos espaços e corpos, muitas vezes sem ser percebida (JUNQUEIRA, 2009).

Dentro deste contexto, a escola se apresenta, ao mesmo tempo, como um espaço privilegiado para a problematização e desconstrução de concepções heterossexistas, mas pode (e ela o faz) ajudar na (re) construção de padrões heteronormativos (JUNQUEIRA, 2009). Por isso é importante planejar e organizar com cuidado as ações de educação sexual desenvolvidas na escola.

A educação sexual, embora um tema transversal, continua sendo, na maioria das vezes, tarefa designada aos professores de Ciências e Biologia, que geralmente abordam a temática com uma visão reducionista, apresentando apenas aspectos fisiológicos, médicos e anatômicos (BOHM, 2009). Conforme Bonfim (2009), isto não ocorre apenas com a temática da sexualidade, pois o Ensino de Ciências nas escolas ainda tem como princípio fundamental a reprodução de informações reducionistas biológicas, ignorando suas relações com questões sociais, momentos históricos, mudanças políticas e interesses dominantes.

Quando falamos da sexualidade, estas relações são de extrema importância, pois seria ingenuidade acreditar que, em uma sociedade capitalista, a negação de direitos de uns e não de outros aconteça desvinculada de influências econômicas, políticas e sociais. As relações delicadas entre estes aspectos e a regulação dos corpos, gêneros e sexualidades precisam ser problematizadas e discutidas na escola, para que seja possível entender e desconstruir preconceitos heterossexistas.

No entanto, alguns professores podem (re) produzir comportamentos e valores

preconceituosos e não estão aptos a promover a educação escolar livres de preconceitos, sendo que vários autores apontam a inaptidão de professores relacionada aos preconceitos sexuais (AVILA, 2010; BOHM, 2009; BONFIM, 2009; CASTRO & ABRAMOVAY, 2004; JUNQUEIRA, 2009; ROSELLI-CRUZ, 2011).

Torna-se relevante, portanto, compreender o sentido atribuído por professores e alunos à diversidade e ao preconceito sexual, entendido como qualquer ideia ou concepção que discrimine, exclua ou menospreze de qualquer maneira um indivíduo devido a características relacionadas à vivência de sua sexualidade.

Para isto, adotamos o referencial teórico da psicologia Histórico-cultural no que concerne às categorias de sentido pessoal e significado social. Vygotsky e Leontiev compreendem que os significados (ou sistema de significações) são fruto da interação histórica dos homens com a realidade concreta, “sob a forma de conceitos, saberes, modos de ação, independentemente da relação individual que os homens estabelecem com ela.” (ASHBAR, 2011, p. 7). Ainda sobre o significado, Duarte (2004, p. 50) assinala que:

Um objeto cultural, seja ele um objeto material, como por exemplo um utensílio doméstico, seja ele um objeto não material, como uma palavra, tem uma função social, tem um significado socialmente estabelecido, ou seja, deve ser empregado de uma determinada maneira.

Outro aspecto importante dos significados sociais, destacado por Ashbar (2011, p. 7), é o fato de que “o sistema de significações, embora em eterna transformação, está “pronto” quando o indivíduo nasce cabendo a este se apropriar dele”. Ou seja, os significados são fenômenos ao mesmo tempo individuais e sociais, pois perpassam a consciência individual, sem perder seu constituinte social. A apropriação destes significados sociais depende do sentido pessoal atribuído pelo sujeito à determinada significação. Com relação ao sentido, é importante destacar que não há sentidos puros, todo sentido é sentido de algo, é sentido de uma significação (LEONTIEV, 1978). Além disso:

Os significados são mais estáveis, já os sentidos modificam-se de acordo com a vida do sujeito e traduzem a relação do sujeito com os fenômenos objetivos conscientizados. Além disso, é o sentido que se exprime na significação e não o contrário, é o sentido que se concretiza nas significações, [...], e não as significações no sentido. (ASHBAR, 2011, p. 8)

Portanto, as situações individuais vivenciadas pelos sujeitos têm um papel fundamental na diferenciação entre sentido e significado, uma vez que o sentido pessoal é construído a partir da relação objetiva ente homem e realidade. A significação social pode ou não interferir na construção deste sentido.

Diante do exposto, desenvolveu-se um estudo com o objetivo de investigar o sentido atribuído por professores de Ciências e seus alunos à diversidade e ao preconceito sexual. Neste artigo, entretanto, por se tratar da análise preliminar de dados, será apresentada apenas a análise do levantamento inicial junto às escolas, e do sentido atribuído por professores de Ciências.

Investigando a diversidade sexual na escola: dados preliminares

Este estudo possui caráter qualitativo (MINAYO, 1998), e serão discutidos aqui dados preliminares de um projeto de pesquisa de mestrado, provenientes de duas fontes: Livros de Ocorrência e entrevista semi-estruturada.

Foi realizado um levantamento nos Livros de Ocorrência das 12 escolas Estaduais de

um município do interior de São Paulo, com a permissão da Direção de cada escola. Este levantamento visou perceber como se inserem as questões relativas ao preconceito sexual em cada uma delas, para auxiliar na definição das escolas em que serão realizadas as entrevistas e, também, a investigação com os alunos.

Os livros foram lidos buscando identificar situações de preconceito e/ou discriminação sexual ocorridas na escola, para ter um panorama de como esta temática se insere em cada realidade. Além disso, as impressões e informações provenientes do contato entre pesquisador e direção / demais profissionais da escola foram anotadas no diário de campo, logo após cada visita.

Das 12 escolas visitadas, quatro não possuíam Livros de Ocorrência, uma negou o acesso do pesquisador ao livro, e 7 escolas disponibilizaram o Livro para a análise. Destes sete Livros, foram lidas as ocorrências referentes ao ano de 2012 e apenas dois livros possuíam relatos envolvendo a temática do preconceito sexual, sendo que, no total apenas 3 relatos possuíam alguma correlação com o tema. Estas ocorrências continham descrições de brigas/desentendimento entre alunos, no qual um deles usou palavras e/ou gestos para ofender o colega insinuando sua homossexualidade. Um dos casos se tratava de um desentendimento entre um menino e uma menina, nos outros dois ambos os envolvidos eram do sexo masculino.

Através do contato / conversa com os diretores das escolas, podemos sintetizar as seguintes indicações: 8 diretores indicaram que não possuem problemas com discriminação sexual na escola; 2 diretores indicaram que existem sim casos de preconceito sexual na escola, mesmo não existindo relatos no Livro de Ocorrência; e outros 2 não se pronunciaram ou não quiseram estender a conversa com relação à temática.

Parece ser possível inferir que a invisibilidade da temática das sexualidades não heterossexuais no ambiente escolar se reflete no Livro de Ocorrências, fazendo com que este não seja o melhor meio para investigar os preconceitos sexuais na escola. Isso também foi percebido em conversa com os diretores, que indicaram que estas situações geralmente são resolvidas entre os envolvidos no caso, e não vão para o Livro de Ocorrência. Sobre a invisibilidade LGBT, Junqueira (2009, p. 30) comenta:

Essa invisibilidade a que estão submetidas lésbicas, gays, bissexuais e travestis e transexuais comporta a sua exclusão enquanto tais do espaço público e, por isso, configura-se como uma das mais esmagadoras formas de opressão. É inquietante notar que alguém que não pode existir, ser visto, ouvido, conhecido, reconhecido, considerado, respeitado e tampouco amado pode ser odiado.

Decorrente disso, temos que a escola, ao invisibilizar a população LGBT, oprime e nega a plena cidadania de alguns indivíduos apenas por não seguirem a lógica heterossexista. Isto reforça a necessidade de problematizar as questões ligadas à diversidade sexual e ao preconceito nas escolas, uma vez que:

Esses dispositivos do preconceito, mesmo quando superados teoricamente na educação, persistem nas práticas pedagógicas que, pelo pacto do silêncio, negam a existência de hierarquizações sexuais. Analisar as figurações da sexualidade na escola pode ser um dos modos para (des)construir formas de intervenção, de crítica e de geração de conhecimentos no amplo debate sobre identidade de gênero e orientação sexual. (TORRES, 2011, p. 41)

Para ajudar na análise destes sentidos acerca da sexualidade na escola, foi realizada uma entrevista com uma professora de Ciências, seguindo um roteiro semi-estruturado (MINAYO, 1998), ou seja, o roteiro apenas guiou a entrevista, não fechando as questões a

serem discutidas. A entrevista teve como principais objetivos: a) perceber o sentido atribuído por eles à diversidade e ao preconceito sexual; b) entender a importância que creditam à problematização de temas relacionados à diversidade e ao preconceito sexual em sala de aula; e c) analisar relatos de possíveis vivências relacionadas a situações de preconceito sexual na escola. A professora entrevistada possuía 32 anos, graduação em Ciências Biológicas e um total de treze anos de docência. Leciona as disciplinas de Ciências e Biologia. Alguns trechos da entrevista realizada serão destacados aparecendo entre aspas.

A professora trabalha com a temática da sexualidade restrita às questões médico-biológicas, e indicou que não possui muitos problemas em tratar esta temática em suas aulas. Com relação ao sentido atribuído pela professora ao preconceito, vemos que ela, apesar de se declarar não preconceituosa, considera a sociedade brasileira como uma sociedade que ainda possui grandes influências de concepções machistas: *“Sabe aquela coisa... preconceituosa, meio machista. Acho que a gente ainda tem uma sociedade machista, que não aceita o direito dos outros. Acho que a sociedade brasileira de um modo geral... ela se diz muito liberal, mas é só na palavra, acho que nas atitudes não é”*.

Além disso, é possível perceber que a professora utiliza argumentos que fazem parte do sistema de significações das relações de gênero atuais, ao explicar porque acredita que meninos são mais preconceituosos que meninas: *“Eu acho que tem uma questão até social. Se você vê duas meninas de mãos dadas, brincando, às vezes até na sala de aula... a menina ela é **mais afetiva**. Ela é **mais de contato**. Então pode ser até que ela seja homossexual, mas a sociedade aceita, porque desde pequenininha a menina já brinca mais com outra amiguinha, estão sempre de mãozinhas dadas. Aquela coisa **mais afetuosa**, então a sociedade aceita. Parece que o menino não. O menino desde pequeno ele já **não pode ter muito contato**, ele tem que estar sempre **mais distante**. Então o que eu percebo é que nas meninas... eu já tive vários casos de meninas lésbicas que se assumiram, mas parece que o grupo aceita melhor. Por isso, até por uma questão de criação. Porque a menina ela é mais afetuosa, então parece que o contato entre meninas é mais aceito. [...] Então acho que os meninos sofrem mais preconceito e são mais preconceituosos. Os dois, eu acho”*. (grifos meus)

A professora apresenta uma “justificativa” de porque meninos são mais preconceituosos e também são alvos do preconceito com maior frequência, porém ao fazê-lo, indica acreditar que meninas e meninos possuem papéis/características bem diferentes na sociedade, o que resulta em reações diferentes frente a atitudes de carinho entre dois meninos e duas meninas, por exemplo. Com relação a isso, Junqueira (2009, p. 19-20) aponta:

[...] “homem que é homem bate em veado”. [...]

Neste ambiente [a escola] (e não só aqui), os processos de constituição de sujeitos e de produção de identidades heterossexuais produzem e alimentam a homofobia e a misoginia, especialmente entre os meninos e rapazes. Para eles, o “outro” passa a ser principalmente as mulheres e gays e, para merecerem suas identidades *masculinas* e *heterossexuais*, deverão dar mostras contínuas de terem exorcizado de si mesmos a feminilidade e a homossexualidade (LOURO, 2004). [...] E eles deverão, entre outras coisas, ser cautelosos na expressão de intimidade com outros homens, conter a camaradagem e as manifestações de apreço ou afeto, e somente se valer de gestos, comportamentos e ideias autorizados para o “macho”. (LOURO, 1999:28). (Grifos do autor)

Uma fala da professora indica exatamente esta “cautela” que os meninos parecem precisar ter o tempo todo: *“Parece que no grupo de meninos tem um medo. “Ai... vai que me rotula, porque eu to andando junto, porque eu tenho contato...”*. *Eu tenho essa impressão.”*

Como comenta Bourdieu (2002), o privilégio masculino acaba por se voltar contra o próprio homem, pois restringe e contém seus atos, gestos e enunciações praticamente a todo momento, com a intenção de afirmar sua virilidade, e esta acaba por se tornar uma espécie de fardo.

A professora afirmou que nunca realizou qualquer atividade específica em sala de aula para discutir ou problematizar questões ligadas à diversidade ou ao preconceito sexual. Quando questionada sobre o porquê de não fazê-lo, indicou que nunca havia pensado sobre isto: *“Agora que você tá fazendo essa pergunta eu to até refletindo, porque eu também não sei. To me questionando... Não sei por que eu nunca trouxe. Talvez por a gente estar muito preso a um conteúdo, ao currículo e tem hora que... por exemplo esse tema não aparece em nenhum momento no material de biologia. Talvez seja até isso”*.

Vemos que a não inserção de questões específicas relacionadas à diversidade e ao preconceito sexual no currículo de Ciências, provavelmente associada a um receio em discutir temas que envolvam valores e preconceitos levam à manutenção de aulas que evitam estas discussões, como destacam Krasilchick e Marandino (2004) em relação ao ensino de Ciências.

Quando questionada sobre situações de preconceito/discriminação vivenciadas no ambiente escolar, a professora indicou já ter presenciado situações de violência verbal entre alunos algumas vezes, quando isto ocorreu em suas aulas, sua atitude era: *“Eu conversava com todo mundo. Nunca assim, tiro um aluno, dificilmente eu tiro um aluno de sala de aula para conversar só com ele. [...] se aconteceu dentro da minha aula, envolveu todo mundo, de uma certa maneira; então eu procuro sempre resolver dentro da minha sala com o diálogo. É o que é possível”*

Isto mostra que, para ela, não é admissível que ocorra discriminação em suas aulas, e mais: quando isto ocorre, surte efeitos em todos os presentes, sendo necessário conversar com todos sobre o que ocorreu. Isto faz parte do sentido atribuído pela professora ao preconceito sexual, ou seja, além de não considerá-lo admissível, a professora reconhece, assim como Junqueira (2009) que a discriminação, por mais que envolva dois, três ou mais alunos, produz efeitos sobre todo o alunado.

Um trecho que merece destaque é: *“geralmente é quando acontece algum conflito entre eles e aí eles deixam talvez até aflorar um preconceito e soltar uma ofensa. Porque às vezes ele tem aquele preconceito dentro dele, que ele às vezes controla... sei lá. E de repente ele, num momento de discussão, solta as ofensas”*. É inquietante pensar que existe um preconceito sendo “controlado” dentro de cada um, que pode ou não “aflorar”, mas isto vai ao encontro do estudo de Marinho *et al.* (2004), que consideram que existem pressões sociais normativas direcionadas à igualdade e tolerância, que fazem com que o preconceito se apresente de maneira sutil ou implícita. Estes autores afirmam que os novos preconceituosos desaprovam a discriminação contra grupos marginalizados socialmente, no entanto apresentam uma visão negativa sobre os costumes, valores e crenças destes grupos, considerando-os inferiores aos seus próprios costumes. Ou seja, devido aos novos valores prezados socialmente (como a igualdade e a tolerância), a discriminação apresenta-se frequentemente mascarada sob um discurso igualitário.

Considerações finais

As significações sociais em torno da diversidade sexual ainda seguem a lógica heterossexista, implicando na negação de direitos da população LGBT em diversos espaços sociais, inclusive na escola. Parece estar havendo uma transformação nestes significados com

relação à discriminação sexual, uma vez que existem pressões sociais direcionadas à igualdade e tolerância, que podem mascarar o preconceito. Ou seja, mesmo aparecendo de forma um pouco mais “encoberta”, ainda temos um sistema de significações que legitima a discriminação contra as sexualidades não heterossexuais.

Entendendo o sentido como uma atribuição de valores acerca do significado (ARAÚJO; VIEIRA e CAVALCANTE, 2009), que possui relações com as experiências concretas vivenciadas pelo indivíduo, percebemos que o sentido pessoal atribuído à diversidade sexual pela professora possui influências do pensamento heteronormativo. Isto se expressa, por exemplo, na diferenciação feita por ela das características específicas de cada gênero. Mesmo entendendo o preconceito como algo negativo e que deve ser combatido, a temática parece não possuir um sentido pessoal suficientemente forte que motive a professora a incluir estas discussões em suas aulas. Tudo isto, claro, aliado a falta de preparo em sua formação, o que foi indicado por ela; ao engessamento dos conteúdos, que faz com que apenas o que está programado (e às vezes nem isso) seja apresentado em sala; e provavelmente existe também um receio em promover discussões que envolvam valores e preconceitos.

Com isto, mesmo a professora julgando ser impróprio discriminar, e combatendo estas situações quando ocorrem em sala de aula, o Ensino de Ciências parece se render à invisibilidade da população LGBT, promovendo com isso, mesmo que seja “sem perceber”, a legitimação do heterossexismo na escola. Isto porque:

Na ideologia e no sistema heterossexistas, mais do que uma questão de preferência ou orientações sexuais, o binômio heterossexualidade/homossexualidade é critério distintivo para o reconhecimento da dignidade dos sujeitos e para a distribuição dos benefícios sociais, políticos e econômicos. Isto porque o pertencimento a grupos inferiorizados implica a restrição, quando não a supressão completa e arbitrária de direitos e de oportunidades, seja por razões jurídico-formais, seja pelo puro e simples exercício da força física bruta ou em virtude dos efeitos simbólicos das representações sociais. (RIOS, 2009)

Estes efeitos simbólicos parecem ser os mais preocupantes, pois muitas vezes negam a cidadania de indivíduos LGBT, sob a lógica de que é assim que tem que ser, pois cada grupo significa algo para o contexto social. Por isso, entendemos que não haverá uma verdadeira inclusão da temática Diversidade Sexual na escola enquanto não houver uma valorização e respeito por esta diversidade que está presente no mundo e na escola (SEFFNER, 2009).

É em busca dessa valorização que devem trabalhar os professores, para promover uma educação cada vez mais livre de preconceitos, que busque a cidadania de todos e o reconhecimento das mais diversas formas de expressão da sexualidade como legítimas, para além do modelo heterossexista imposto socialmente ainda nos dias de hoje.

Referências

- ARAÚJO, I. R. L. de; VIEIRA, A. da S.; CAVALCANTE, M. A. da S. Contribuições de Vygotsky e Bakhtin na linguagem : sentidos e significados. **Debates em Educação**. vol. 1(2), 2009.
- ASHBAR, F. S. F. **Sentido pessoal, significado social e atividade de estudo: uma revisão teórica**. V Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo. Marxismo, Educação e Emancipação Humana. Florianópolis, 2011.
- AVILA, A. H. **Professores (as), suas significações e posturas no contexto da educação sexual:**

das (im) possibilidades do trabalho com a diversidade sexual. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Florianópolis, SC, 2010.

BOHM, A. M. **Os “monstros” e a escola:** identidade e escolaridade de sujeitos travestis. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BONFIM, C. R. de S. **Educação sexual e formação de professores de ciências biológicas:** contradições, limites e possibilidades. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2009.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** Tradução: Maria Helena Kühner. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. (coords.) **Juventudes e sexualidade.** Brasília: UNESCO, 2004.

DUARTE, N. Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. **Cad. Cedes.** Campinas. vol. 24, n. 62, p. 44-63, 2004.

JUNQUEIRA, R. D. (Org.) **Diversidade Sexual na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

KRASILCHICK, M.; MARANDINO, M. **Ensino de ciências e cidadania.** São Paulo: Moderna, 2004.

LEONTIEV, A. N. **Actividade, consciência e personalidade,** 1978. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000004.pdf>> Acesso em: 05/13.

LOURO, G. L. (Org.) **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Gênero, sexualidade e educação.** 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MARINHO, C. A.; MARQUES, E. F. M.; ALMEIDA, D. R.; MENEZES, A. R. B.; GUERRA, V. M. Adaptação da escala de homofobia implícita e explícita ao contexto brasileiro. **Paidéia,** v. 14(29), p. 371-379, 2004.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1998.

RIOS, R. R. Homofobia na perspectiva dos Direitos Humanos e no Contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.) **Diversidade Sexual na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

ROSELLI-CRUZ, A. Homossexualidade, homofobia e a agressividade do palavrão. Seu uso na educação sexual escolar. **Educar em Revista,** Curitiba, Brasil, n. 39, p. 73-85, Editora UFPR, 2011.

SEFFNER, F. Equívocos e armadilhas na articulação entre diversidade sexual e políticas de inclusão escolar. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.) **Diversidade Sexual na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

TORRES, M. A. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na escola.** Belo Horizonte: Autêntica; Ouro Preto: UFOP, 2010.